

# OS EQUÍVOCOS DO PRESIDENTE BUSH

(Folha de São Paulo – 25/09/2003)

A invasão do Iraque foi um monumental engano. Os americanos venceram uma batalha (destruíram o Iraque), mas estão perdendo a guerra (implantar uma democracia naquele país). Por absoluto desconhecimento dos valores da civilização árabe, de seus costumes e cultura, no melhor estilo dos filmes de "far west", a nação americana, liderada por um cidadão de mentalidade belicosa e de cultura limitada, está hoje vendo, dia após dia, crescer a opinião mundial contra a invasão sem motivos e desorganização do Iraque, mas –o que é pior– até justificando os dramáticos atentados terroristas contra as tropas americanas invasoras e, infelizmente, contra os representantes da ONU, que nenhuma responsabilidade tiveram no tresloucado ato. Ao contrário, a ONU foi contrária a invasão, à falta de provas da existência de armas de destruição em massa, que aparentemente só existiram –para dizer o melhor– na imaginação torturada do presidente americano.

Paga, a nação americana, um preço diário de morte de seus filhos, por terem seguido a ordem desvairada de seu presidente, além de pagar o preço da recessão e do incorreto direcionamento para a guerra de recursos que poderiam estar sendo destinados à economia e aos programas sociais, e que, ao invés disso, estão sendo enterrados no Iraque. O mundo sente o peso da estagnação americana e de sua falta de liderança, sendo os países emergentes os que mais sofrem com a paralisação de sua economia. Mais do que isto, todavia, perde, a humanidade, seu maior valor, que é o respeito pela dignidade humana, que, decididamente, as tropas americanas e o tribunal penal (internacional) estadunidense, sem direito à ampla defesa, não concorrem para preservar.

O novo atentado contra a Embaixada da ONU tem uma mensagem clara. Da mesma forma que os Estados Unidos não tolerariam a invasão de seu território por tropas estrangeiras, os iraquianos – independentemente de apoiarem ou não o sanguinário ditador Saddam Hussein– não estão tolerando que seu território esteja invadido por um exército inimigo. E, como não têm as armas e o potencial militar americano, doam –em sua extremada concepção– a própria vida para atingir os invasores e seus aliados, nestes atentados, sem perceber que a ONU não é parceira dos EUA, mas do próprio Iraque, pretendendo ajudá-lo a recuperar-se dos imensos estragos que a guerra de uma força só ocasionou.

Em outras palavras, exclusivamente por uma questão de "falsa honra", os Estados Unidos continuam a dizer que destruíram o Iraque

para implantar uma democracia, sabendo que todos os países árabes com que mantêm relacionamento (Kuwait, Arábia Saudita, Emirados Árabes, Omã etc.) não são uma democracia e não pretendem ser.

O grande problema, todavia, é que Bush está, ao adotar a técnica incorreta de combater o terrorismo pela violência, gerando um espírito nacionalista árabe anti-americano, e unificando as diversas culturas do caleidoscópio daquela região num sentimento anti-ocidental. E, como disse o General Meira Mattos, em artigo para esta coluna, no momento em que a dinastia da Arábia Saudita cair, problemas maiores poderão impactar o ocidente, entre os quais o terrorismo indesejado não será o maior, mas sim aqueles econômicos e políticos decorrentes.

Estou convencido de que, se bem aconselhados, deveriam os Estados Unidos passar para a ONU a administração iraquiana, colaborando com recursos para reconstruir o que suas tropas destruíram. Seria, ainda, o mal menor. Caso contrário, avizinha-se um Vietnã, com a única diferença de que, economicamente, a região é importante para o mundo --o que o Vietnã não era.

E, à evidência, não foi o vazio e preconceituoso discurso proferido na ONU pelo primeiro mandatário americano, capaz de mudar a sensação da opinião pública mundial de que estava errado e continua errando. A prova inequívoca é o General Clark já tê-lo ultrapassado nas pesquisas para as próximas eleições.

Dizia um velho sábio chinês –daqueles que Roberto Campos sempre citava, em seus famosos provérbios— que o menor prejuízo é sempre o primeiro prejuízo. Querer manter uma postura equivocada é, de rigor, aumentar os danos, cujo preço o mundo pagará.

“Go home, Bush, go home”.